
Etnografia coletiva da X Reatech: Feira Internacional de Tecnologias em Reabilitação, Inclusão e Acessibilidade

Andrea Cavalheiro, César Assis Silva, Cibele Assênsio, Lucas Zavarize e Tarsila Mendonça



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1884>

DOI: 10.4000/pontourbe.1884

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Andrea Cavalheiro, César Assis Silva, Cibele Assênsio, Lucas Zavarize e Tarsila Mendonça, «Etnografia coletiva da X Reatech: Feira Internacional de Tecnologias em Reabilitação, Inclusão e Acessibilidade», *Ponto Urbe* [Online], 8 | 2011, posto online no dia 30 julho 2014, consultado o 01 novembro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1884> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1884>

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 de novembro de 2023.



Apenas o texto pode ser utilizado sob licença CC BY 4.0. Outros elementos (ilustrações, anexos importados) são "Todos os direitos reservados", à exceção de indicação em contrário.

Etnografia coletiva da X Reatech: Feira Internacional de Tecnologias em Reabilitação, Inclusão e Acessibilidade

Andrea Cavalheiro, César Assis Silva, Cibele Assênsio, Lucas Zavarize e
Tarsila Mendonça

- 1 Entre os dias 14 e 17 de abril de 2011, ocorreu no Centro de Exposições Imigrantes, no bairro Jabaquara, em São Paulo-SP, a décima edição da Feira Internacional de Tecnologias em Reabilitação, Inclusão e Acessibilidade, voltada para as pessoas com deficiência. Como informa o seu site oficial¹, ela é organizada e realizada por uma empresa denominada Cipa, especializada em feiras dos setores de saúde e segurança², e trata-se do maior evento do mundo desse gênero. De acordo com suas estatísticas, nessa edição a feira contou um público de visitantes recordes: 51.000 pessoas. Devido ao seu grande sucesso, tal evento já foi exportado para outros países, como Itália, Índia, China e Rússia.



Figura 1: Outdoor do evento

2. Membros do Grupo de Estudos Surdos e da Deficiência do Núcleo de Antropologia Urbana da USP realizaram uma etnografia coletiva para a compreensão de tal evento. Podemos afirmar que nossa pesquisa de campo iniciou-se de fato antes mesmo da chegada ao local. Em nosso ponto de encontro, o metrô Jabaquara, de onde estavam saindo vans gratuitas para a feira, era notável a quantidade de pessoas com deficiência que circulavam por ali. A concentração de pessoas com muletas, cadeiras de rodas, bengalas, usuários de libras, entre outras marcações de diferença, alteravam a estética cotidiana da estação do metrô, explicitando em grande medida o imenso fluxo de visitantes em direção ao evento.
3. A feira não é de simples caracterização, pois há uma grande diversidade de expositores, tendo este ano atingido a marca de 230 instituições inscritas. Sem ter a pretensão de esgotar os setores participantes do evento, somente a título de ilustração, estiverem presentes instituições governamentais, grandes montadoras vendendo carros adaptados, agências de emprego, instituições financeiras, empresas divulgando e vendendo produtos vinculados à adaptação (próteses, órteses, cadeiras de rodas, animais treinados, equipamentos hospitalares, entre outros itens), escolas especiais, associações políticas, agências de turismo e lazer, editoras, sindicatos, esportes adaptados, auto-escola, entre demais segmentos. De acordo com o discurso de abertura do evento de José Roberto Sevieri, diretor da Cipa, o mercado vinculado à deficiência movimenta em torno de R\$ 1,5 bilhão por ano no país.
4. O evento realizou-se em uma área de 32.000 m², na qual estavam dispostos os expositores. Os maiores estandes, iluminados e bem destacados, posicionados no espaço central da feira, foram ocupados por grandes montadoras, a saber: Toyota, Fiat, Honda, Peugeot, Citroen e Volkswagen. Mais ao fundo, também em grandes estandes, estavam outras montadoras, GM, Nissan e Ford. A empresa Cavenaghi, que faz adaptação veicular, vende cadeiras de rodas, órteses e tecnologia assistiva, também se instalou num desses grandes estandes. Neles, estavam sendo expostos alguns carros adaptados para dirigir com os pés, por exemplo, e até motocicletas adaptadas. No estacionamento

do centro de exposições, as montadoras presentes ofereciam a possibilidade de realizar teste drive em tais veículos adaptados.



Figura 2: Estandes centrais

- 5 Em termos de tamanho dos estandes, o segundo maior destaque, certamente, eram os das instituições financeiras, a saber, Bradesco, Itaú-Unibanco e HSBC. Na sequência, ocuparam espaços um pouco menores os representantes do poder público, tais como o Governo do Estado de São Paulo, a Prefeitura de São Paulo, a Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa com Deficiência (CORDE) e a Receita Federal.
- 6 Nas ruas marginais do centro de exposições, em estandes menores, estavam centenas de outras instituições. Além disso, o evento contava com um palco para performances artísticas, dois auditórios para seminários, fóruns e debates, uma pista de atletismo, uma quadra poliesportiva comum e outra infantil, praça de alimentação e um espaço no qual estavam diversos animais para a realização da equoterapia.
- 7 Um conjunto de três estandes – posicionados em uma esquina, ocupados por uma mesma instituição – chamava a atenção pelo tamanho e número de visitantes. Apesar de não haver nenhum indicativo absolutamente explícito do nome da instituição, tratavam-se dos estandes da instituição religiosa Testemunhas de Jeová, oficialmente Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. O maior estande intitulava-se Um idioma que se vê, local de grande concentração, onde estavam expostos diversos materiais em língua de sinais e publicações impressas. Havia várias televisões de LCD e notebooks abertos transmitindo a sua produção em línguas de sinais de diferentes países; bem como, em suas prateleiras e paredes, organizadas e decoradas, expunham-se diversos de seus materiais, CDs e DVDs, de filmes bíblicos ou publicações doutrinárias. Identificamos que os atendentes informavam que a intenção da instituição não era realizar evangelização no evento, mas divulgar materiais para melhorar a qualidade de vida das pessoas com deficiência. De modo geral, sequer mencionavam que eram da instituição religiosa Testemunhas de Jeová.



Figura 3: Um idioma que se vê

- 8 Em frente a esse estande principal, estavam os dois outros estandes da instituição, tendo por tema a questão da cegueira. O primeiro chamava-se Cinema para Cegos. Nele, uma televisão grande de LCD fazia as vezes da tela do cinema. Diante dela, as pessoas sentavam-se e colocavam fones de ouvido, os quais estavam pendurados, para ouvir o filme, que tratava da origem do universo. Como o cinema era para cegos, ele tinha um método específico de áudio-descrição. Em um dos fones ouvia-se o som comum do filme, isto é, os diálogos e a sonoplastia geral do filme. No outro fone, um narrador descrevia a cena. Desse modo, era possível fechar os olhos e assistir o filme experimentando a condição de assistir um filme como se fôssemos cegos. O terceiro estande das Testemunhas de Jeová, ao lado do Cinema para Cegos, chamado Toque de Saber, tinha por objeto a exposição dos materiais da instituição em braile, diversos livros bíblicos e publicações doutrinárias. Além disso, o estande expunha e distribuía a cartilha Aprenda braile, também elaborada pela instituição.
- 9 Não apenas desse modo as Testemunhas de Jeová participaram do evento. Foi possível notar que muitos dos intérpretes de língua de sinais que atuavam na organização da feira, por exemplo, no credenciamento, eram dessa instituição. Em seus crachás lia-se Um idioma que se vê, bem como o seu uniforme, com a utilização de lenços e gravatas cor de laranja, demonstrava a filiação institucional.



Figura 4: Cinema para cegos

- 10 Além disso, essa instituição também ofereceu um workshop bastante interativo sobre a língua brasileira de sinais (libras). A intenção do workshop foi quebrar a timidez do público, realizando uma aula bastante participativa, fazendo o público utilizar todo o corpo para se comunicar, tal como essa língua, bastante expressiva, exige. Foi exibido um vídeo com uma música, por meio do qual os presentes copiavam os gestos ensinados, como a intenção de realizar o aquecimento para o aprendizado da língua de sinais. Após esse pequeno treinamento, o workshop centrou-se no ensino da libras. Pequenos teatros com mímicas foram expostos, bem como foram ensinados alguns sinais básicos, utilizados posteriormente na interpretação de uma música. Após o workshop, o palestrante passou informações sobre o site da instituição, por meio do qual se pode realizar download de materiais. Em síntese, de certa maneira, os estandes das Testemunhas de Jeová de algum modo ofereciam a experiência de ser surdo, usuário de libras, bem como de ser cego, assistindo um filme com áudio-descrição ou sentindo por meio do toque a escrita em braile.
- 11 Essa prática de deficiência como uma experiência possível do corpo tornou-se mais forte em nossa etnografia da feira quando fomos para a pista de atletismo, pois lá havia algumas atividades para simular a condição de deficiência. Entre as atividades, estava uma corrida com uma espécie de pára-quedas amarrado nas costas, o que “tornava o corpo mais pesado”, dificultando o deslocamento. Outra atividade presente foi a corrida de cegos, na qual uma pessoa colocava um óculos de natação tampado com fita preta, impedindo que ela enxergasse, enquanto outra pessoa ao seu lado, ocupava o papel de guia de cego, estando ambos ligados pelos pulsos por um elástico. Enquanto a pessoa, ocupante da posição de cego, corria, o guia dava as coordenadas oralmente para realizar a corrida no circuito oval da pista de atletismo. Outra atividade realizada por nosso grupo foi a corrida em cadeiras de rodas, na qual experimentamos a sensação de andar e correr por meio de tal artefato. Ao lado dessa pista do atletismo, ficavam as quadras poliesportivas comum e infantil, onde foram realizados campeonatos esportivos diversos com a participação de atletas com deficiência.

- 12 No palco, durante todo o evento, foram apresentadas performances artísticas realizadas por pessoas com deficiência. Entre as apresentações que compuseram a feira, podemos citar o coral de cegos, o coral das mãos (em libras), desfiles de moda inclusiva, cantores cegos, bandas com músicos com deficiência intelectual e, apresentações de capoeiristas com deficiência física.



Figura 5: Corrida de cadeira de rodas

- 13 Além de atletas e artistas com deficiência, o evento contou com ampla participação de ocupantes de posições governamentais públicas que também são pessoas com deficiência, entre elas, as deputadas Célia Leão, Mara Gabrilli e Rosinha da Associação dos Deficientes Físicos de Alagoas (ADEFAL). Tal como nos anos anteriores, também estiveram presentes representantes do poder público da União, Estado e Município.
- 14 A partir de nossa experiência etnográfica no evento, compreendemos a Reatech como um momento extraordinário com relação à questão da deficiência. Dada a grande quantidade de pessoas em cadeiras de roda, utilizando próteses diversas, muletas, bengalas, conversando em língua de sinais, entre outros traços que designam pessoas com deficiência, aos poucos, progressivamente, nessa feira, essa estética da deficiência se acomoda, tornando-se praticamente a norma. Por isso, de fato, representa um momento único de sociabilidade, circulação e visibilidade de tal público. Foi bastante perceptível ao longo de todo o evento que várias pessoas e inclusive famílias, para além de realizarem qualquer consumo, estavam passeando, tendo um dia de lazer.



Figura 6: Coral de cegos

- 15 Finalizando a nossa pesquisa, voltamos com a van do próprio evento. Enquanto subíamos a rua que leva ao metrô, algumas pessoas vinham descendo com os olhos vendados, segurando uma bengala branca com uma mão e, com a outra mão, apoiavam-se em guias. Tais pessoas também estavam ocupando a posição de cegos, experimentando a cegueira. Mais uma vez a deficiência como uma experiência possível do corpo mostrou-se presente, tal como identificamos em vários momentos da feira.
- 16 A Reatech é uma feira absolutamente consolidada no âmbito das deficiências no Brasil, fazendo parte já do calendário anual de muitas instituições e pessoas vinculadas a essa questão. É fundamental considerar a imensa capacidade que esse evento tem de revelar o quanto há um cruzamento complexo de muitas instâncias no interior desse tema. Saberes especializados, movimentos sociais, órgãos governamentais, partidos políticos, esportes, artes, instituições religiosas, escolas e um amplo mercado, todos relativos à deficiência, explicitam-se na feira, bem como nela é viabilizado um momento único para a sociabilidade desse público, propiciando, ainda que em um momento extraordinário, pontual, uma redefinição em nosso padrão estético de normalidade.



Figura 7: Ser diferente é normal

NOTAS

1. <http://www.feirasnacipa.com.br/reatech2010/feira.php> Acesso em 22/07/2011
2. <http://www.cipanet.com.br/grupocipa.asp>. Acesso em 26/07/2011.

AUTORES

ANDREA CAVALHEIRO

Mestranda em Antropologia Social (USP)

CÉSAR ASSIS SILVA

Doutor em Antropologia Social (USP)

CIBELE ASSÊNSIO

Graduanda em Ciências Sociais (USP)

LUCAS ZAVARIZE

Graduando em Ciências Sociais (USP)

TARSILA MENDONÇA

Graduanda em Ciências Sociais (USP)